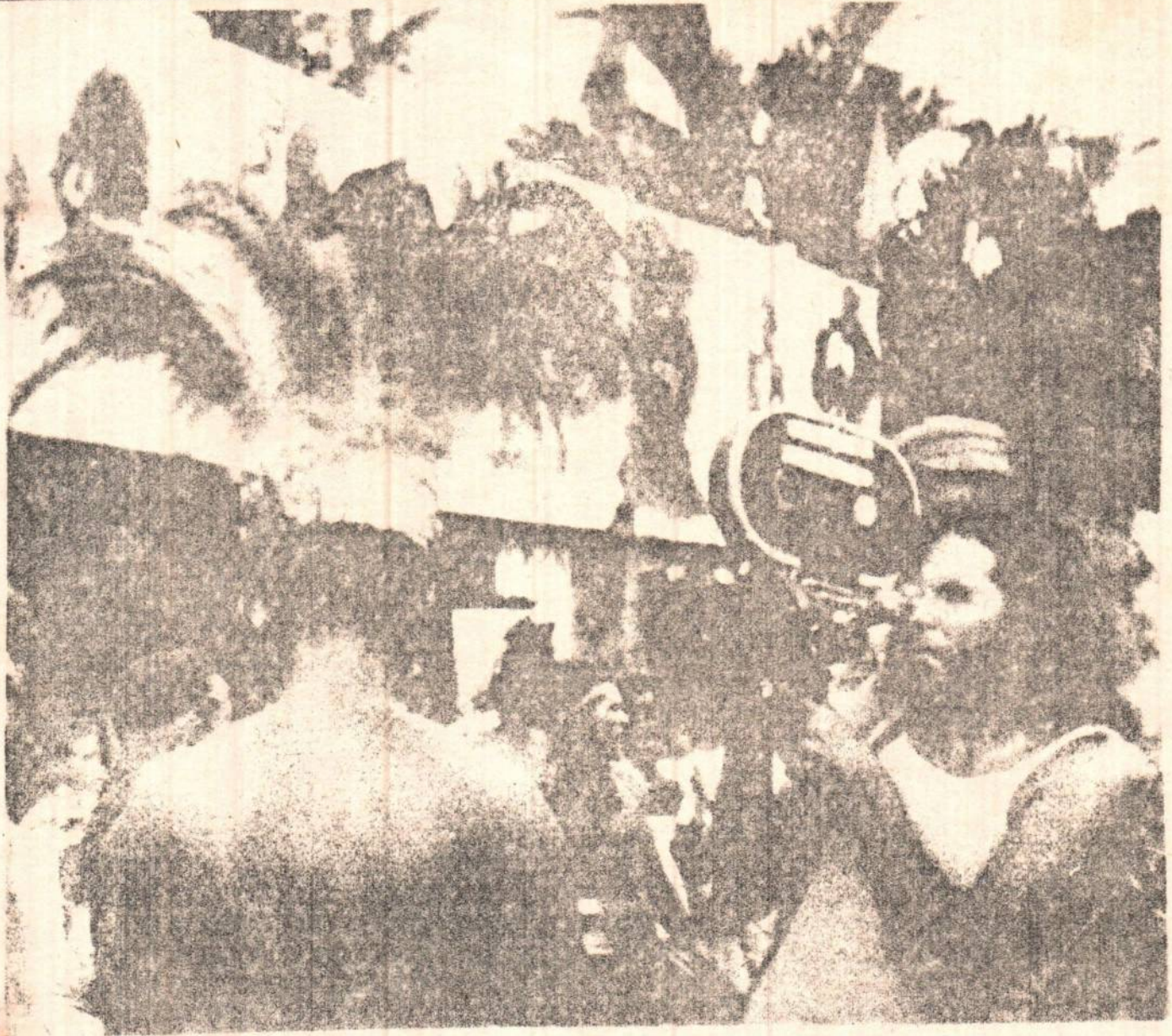


9/11/1076



ELYSEU VISCONTI CAVALLEIRO

M A R A C A T U
C A B O C O L I N H O S
F O L I A D O D I V I N O
B O M J E S U S D A L A P A
T I C U M B I

E S C O L A D E
A R T E S V I S U A I S
P A R Q U E L A G E
9 D E N O V E M B R O
2 0 : 3 0 H O R A S

F O L K F I L M

ESSA SESSÃO SERÁ EXIBIDA TAMBÉM DIA 10 DE NOVEMBRO

T I C U M B I

Documentário, colorido (Eastmancolor), 35mm, 10 minutos, som direto
Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro
Fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro
Direção de produção: Folcloristas Hermógenes da Fonseca e Rogério
Medeiros.
Som direto: Technison (César)
Montagem: Elyseu Visconti Cavalleiro
Assistente Geral: Ana Tereza Lemos Ramos
Laboratório: Lider - Rio

Registro da festa do Ticumbi como se apresenta na cidade de Conceição da Barra, Espírito Santo, executada pelos remanescentes do quilombo local, notável pela pureza étnica. A festa do Ticumbi é a dramatização da disputa entre o Reis Congo e Reis Bamba e suas respectivas cortes. São 16 personagens e um violeiro, que cantam e dançam ao som de vigorosos pandeiros de influência árabe. O Ticumbi é festejado durante a passagem do ano e reúne assistência dos povoados vizinhos que se desloca de barco, cavalo ou mesmo a pé. A participação na dança é vitalícia e é regida por hierarquia no quilombo. Cada personagem só é substituído por invalidez ou morte, geralmente por seu filho ou parente próximo.

O filme inclui: entrada, volta do corpo de baile, corrida de contraquia, despacho dos secretários, guerra declarada, guerra travada, batizado de Reis Bamba por Reis Congo, Empire de Reis Bamba por Reis Congo, Empire, Versos do Corpo de Baile, Ticumbi, Roda Grande, Marcha de saída e chulata.

O Ticumbi ou Baile de Congo é uma dança dramática que só ocorre no norte do Espírito Santo não se confundindo com nenhuma congada ou congo do resto do país. Sua origem remonta à época da escravatura quando o escravo Rogério fundou o quilombo de Santana nos arredores da atual Conceição da Barra.

Os 17 membros participantes do Ticumbi pertencem ao que resta deste quilombo, sendo interdita a participação a brancos ou forasteiros. O lugar que cada um deles ocupa é conquistado por herança. Assim, o atual Rei de Congo é filho de seu predecessor o

....

mesmo acontecendo com o Rei de Bamba e demais figurantes. O seu porte garboso e altivo, a serenidade e o enlêvo místico com que atuam levam-nos a crer ser o Ticumbi algo mais que a simples repetição de um auto em louvor a São Benedito: é um ritual importantíssimo para a manutenção dos elos de raça e cultura que fez com que esse quilombo conseguisse sobreviver aos séculos alheio à miscigenação e à sociedade de consumo. Atualmente, as plantações industriais de eucalipto na área ameaçam seriamente a integridade do quilombo o que faz com que seja urgente o registro desta festividade folclórica.

O Ticumbi tem melodia, ritmo, coreografia e diálogos em toda a dramatização de um enredo que conta uma estória e os fatos da vida grupal num sincretismo religioso onde os sentimentos de fé se misturam com as ocorrências cotidianas na sátira, nos seus protestos e desejos expressos nas letras de suas marchas.

Todo o corpo se movimenta no ritual complicado - as mãos, os pés, as pernas, o tronco, a cabeça, a voz e jogo fisiológico na atitude piedosa do "empire" ou no canto da chulata em sorrisos que expressam a alegria da execução.

O ritmo é variado no andamento dos compassos quaternário da música primitiva, no binário das marchas e no sincopado das chulatas. Compõem o baile 17 elementos: o violeiro, "Reis Congo com seus respectivos "Sacratários", o mestre e o contra-guia e os 5 pares de congo.

Postados em frente a Chico Dantas, o violeiro de 79 anos que há 62 anos "brinca" o Ticumbi, inicia-se a marcha de entrada e a seguir a Volta do Contra-guia, a Subida do Contra-guia, a Volta do Contra-guia, a Guerra Travada e combates de Reis Congo e Reis Bamba, Batizado de Reis Bamba por Reis Congo, "Empire" de Reis Bamba por Reis Congo, "Empire", Corpo de Baile, Ticumbi, Roda Grande, Marcha de Saída e Chulata (chula que é cantada fora da dramatização).

As voltas são evoluções puxadas pelos contraguias com canto em coro. A guerra travada é precedida pelas embaixadas nas quais o "sacratário" se dirige ao seu Reis Bamba contando as pretensões para com Reis Congo. O "sacratário" de Reis Congo então, no seu diálogo atrevido, conta suas bravatas num relato de sua bravura na luta com uma onça que, em sua linguagem simples, se encaixa numa adjetivação que lhe dá um cunho literário. As respostas são num mesmo tom agressivo, ressaltando a coragem e superioridade de suas forças que lhe dão o direito de festejar o São Benedito. Travado o combate no centro da roda dos congos que cantam, continuam a ameaça de parte a parte até que, por fim, Reis Congo vence Reis Bamba que se ajoelha com todo o seu império (empire) para receber o batismo de Reis Congo. Aqui a música tem uma tonalidade que se assemelha a o canto chão, como na marujada no batismo dos mouros.

Finda essa parte, passa-se ao Corpo de Baile, que é a louvação a São Benedito. A seguir vem o Ticumbi, com ritmo de chula ou chulata, como chamam, como mesmo movimento do anterior mas enriquecido por linda coreografia em alas em que pés e ombros quebram e requebram unindo cada congo com seu par.

Na roda grande os corpos se unem fechando o círculo. O tema do canto da roda grande varia de ano em ano, sendo sempre uma censura humorística aos acontecimentos mais recentes. Assim, já assistimos em outros anos a roda grande da carestia, dos faladeiros ou mesmo criticando o padre que tirou São Benedito da porta da igreja para trancá-lo na sacristia. São como pedidos a São Benedito para que sirva de intermediário de suas súplicas.

O Ticumbi é tradicionalmente festejado na passagem do ano levando dois dias entre procissão, cantos de casa em casa, descida do rio. A representação dura cerca de duas horas sendo retumbante o som dos 16 pandeiros e da viola. Os congos vestem-se de branco impecável tendo a cabeça enfeitada por flores multicores.



MARACATU ESTRELA DA TARDE

Produção, direção e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa, narração e créditos: Ana Tereza Lemos Ramos

Som direto: Julio Romiti

Montagem: Rubem Amorim

Laboratórios: Líder Cinematográfica - Rio

Estúdios de som: Tecnisom - Rio

Realizado com a colaboração do Instituto Joaquim Nabuco - Recife

Documentário 35 mm, Eastmancolor, 10 minutos, Recife, 1978

Os maracatus se originaram nos cortejos reais ligados à coroação dos Reis de Congo que se realizaram no Brasil desde o século XVII. No início eram um auto popular com teatro, canto, música e dança, atividades essas que serviam para encobrir sua essência religiosa, hermeticamente mantida no interior dos pejis das mães-de-santo - rainhas do maracatu. Nesse século, a mais influente dessas mães tradicionais foi Maria Júlia do Nascimento, a venerada Dona Santa, que dedicou toda sua vida aos maracatus. Terminou como rainha do Maracatu Elefante que se extinguiu com sua morte em 1962. Esses maracatus urbanos ou de baque virado, ritmicamente apoiados na percussão dos grandes tambores africanos, são conhecidos como Maracatus Nação e embora vários grupos tenham contribuído na sua formação sente-se a predominante influência buntu. Iansã é considerada a dona do maracatu e a ela são feitas oferendas nas vésperas dos desfiles. A calunga ou boneca respeitosamente levada por sua empregada, a dama do passo, é o depósito das forças protetoras ou madrinhas dos maracatus. Outros personagens são o rei, as baianas, os vassallos e os batuqueiros que, dedicados a suas zabumbas, não dançam.

Na Zona da Mata, região tradicionalmente ligada a cana-de-açúcar, um outro tipo de maracatu se desenvolveu. É o chamado maracatu de baque solto ou maracatu rural. Nelas, a função religiosa, se algum dia houve, já se perdeu. Fruto de uma região que se viu envolvida em sucessivas guerras e revoltas, esse maracatu tem na agressividade de sua coreografia a tônica principal. Há uma analogia de posturas e atitudes entre os grupos cangaceiros e os maracatus rurais: a mesma arrogância, a mesma preocupação de fazer-se temido, os mesmos gestos ao segurar um rifle ou uma lança-de-coração-de-negro. Chegam mesmo a serem comuns as disputas entre grupos de maracatu quando se encontram no campo. Os caboclos de lança são as figuras centrais e o branco está representado pelo mestre em seus trajes citadinos, puxando as quadras de duelos de rimas e ofensas. Sobressai o imponente tuxáua, ornamentado em suas ricas penas de pavão e óculos espelhados enquanto as baianas desfilam suas calungas de plástico e cabelos de náilon. A exuberância das cores dos bordados de vidrilhos das fantasias são mais um dado feérico nesses

BOM JESUS DA LAPA, SALVADOR DOS HUMILDES

Documentário, 35mm, colorido, 10 minutos, sonoro

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa: Ana Tereza Lemos Ramos

Texto: Ipojuca Pontes

Narração: Talulah Abramo

Fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Direção Musical: Elyseu Visconti Cavalleiro

Laboratório: Rex Filme

Créditos: Leonardo Visconti Cavalleiro

Para tiragem de cópias: Rex Filme S.A.

Rua Abolição, 153 - Bela Vista - SP
Tel: 34-9380 e 32-3410

Focaliza a grande romaria realizada anualmente às margens do rio São Francisco, na Bahia, em veneração ao milagroso Bom Jesus da Lapa. Reúne os aspectos folclóricos, religiosos e econômicos do acontecimento e é um documento expressivo da cultura popular incluindo literatura de cordel, músicas folclóricas, ex-votos, artesanato e a grande feira realizada paralelamente às rezas, ladainhas e à grandiosa procissão.

São 3 dias de folgedos em que cerca de 400 mil romeiros vão reverenciar seu Bom Jesus milagroso, rezar e desobrigarse de seus votos e promessas.

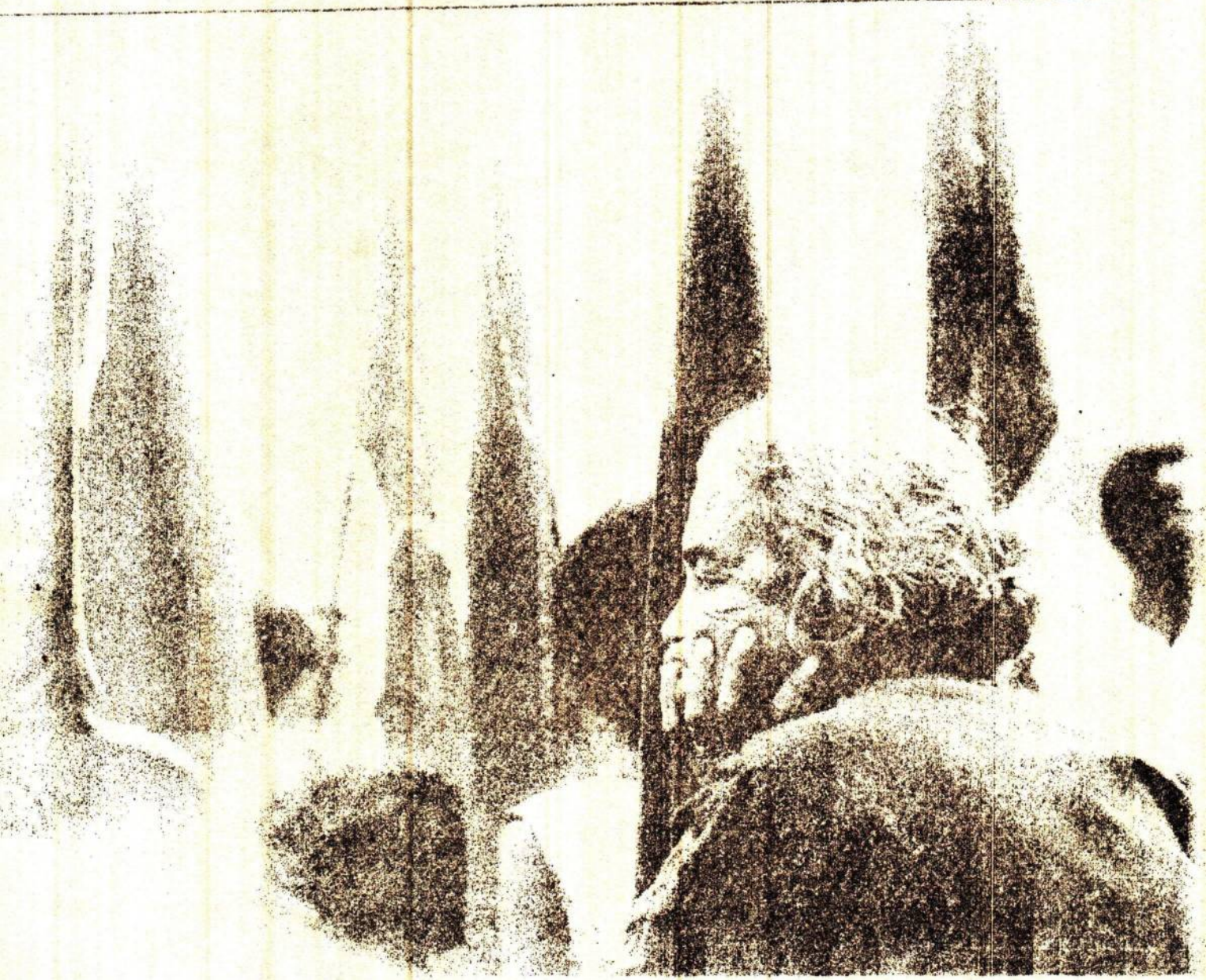
O catolicismo no Brasil é uma religião de romarias e procissões. Entre o povo do interior ganha um caráter que a complexa liturgia oficial não consegue estabelecer. No Nordeste do Brasil grande número de procissões e romarias para-litúrgicas fazem com que o povo preste culto de devoção a santos e padrinhos de forma mais que fervorosa: festiva. Nas ruas, nos pátios, nos oratórios o fervor religioso do povo leva em datas santificadas milhares de romeiros a se deslocar muitos quilômetros para reverenciar o padroeiro milagroso. Nos centros das romarias os devotos se deixam levar por cortejos festivos ladainhas entremeadas de foguetórios, tiros de bacamarte e vivas ao santo.

Estamos as margens do rio São Francisco na Bahia. Na romaria de Bom Jesus da Lapa destaca-se essa religiosidade pagã

- fls. 2 -

e litúrgica. Devido às poucas possibilidades de negociar durante o ano na região a semana dos festejos tem também grande importância econômica. Surge a feira anual. Nas ruas e comércio e a fé têm livre passagem.

/atm.



F O L I A D O D I V I N O

Documentário, preto e branco, 35 mm, 10 minutos, sonoro

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro

Fotografia: L. F. Graça Mello

Montagem: Manuel de Oliveira

Direção Musical: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa: Ana Tereza Lemos Ramos

Texto: Elyseu Visconti Cavalleiro

Laboratório: Líder Cine Laboratórios

Para tiragem de cópias: Líder Cine Laboratórios

Rua Álvaro Ramos, 71 - Botafogo - Rio

Tel: 246-4080

São Paulo: Rua 13 de maio, 402

Tel: 36-8909

Foi rodado na cidade de São José de Mossâmedes no Estado de Goiás e registra a tradição do culto ao Divino Espírito Santo instituído em Portugal no século XVI pela rainha Isabel. Veio para o Brasil por intermédio dos colonos chegados de Açores. Atualmente ao cerimonial de coroação do Imperador, préstito e procissão foram acrescentadas danças e canções profanas que lhe deram caráter popular.

Essa tradição que há mais de duzentos anos vem sendo mantida no Brasil encontra-se em declínio e o filme teve a felicidade de registrar uma das derradeiras folias a cavalo do país. A folia apresenta-se com características locais relativas ao padrão econômico e cultural da região.

O filme inclui farto material de pesquisa musical realizada no local como catiras, folias e demais cantos e danças folclóricas típicas.

CABOCOLINHOS TAPIRAPÉ

Produção, direção e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro

Pesquisa, texto e narração: Ana Tereza Lemos Ramos

Montagem: Rubem Amorim

Som direto: Julio Romiti

Créditos: Leonardo Visconti Cavalleiro

Laboratórios: Líder Cinematográfica - Rio

Som: Technison - Rio

Filme documentário 35 mm, Eastmancolor, 10 minutos, Recife, 1978

Até fins do século XVIII falava-se em Caboclo no Brasil e entendia-se como Indígena. Os primeiros caboclos pretos e mulatos como os que hoje brincam nos "Cabocolinhos" surgiram quando há mais de cento e cinquenta anos a imagem do livre caçador habitante das matas passou a ser cultuada nos terreiros como símbolo daquele que não se deixou escravizar. O caboclo tornou-se entre os escravos mito, herói e símbolo de nova nacionalidade, preenchendo os elos da relação com as forças da natureza - fogo, vento, terra, rios e cachoeiras, numa natural transposição dos seus pontos de referência da África perdida. O caboclo religioso e o cabocolinho lúdico são faces de um mesmo ser-intensão e expressão, símbolo e ação. Os cabocolinhos dos mocambos de Recife são uma das formas de expressão artística popular - brincadeira e jogo - em que esses elos ainda se revelam preservados. Assim é que a forma da dança e da indumentária ainda se reportam aos terreiros. Várias influências ricas da grande cidade moldam sua atual fisionomia: as primitivas penas de ema de que se utilizavam nossos indígenas hoje procedem de espanadores e se tingem de anilinas exuberantes visando maior efeito para os concursos e desfiles. A elas se misturam a purpurina e os vidrilhos, como chuvas de estrelas de neón, o sonho do primeiro lugar na passarela. Do Alto do Zé-do-Pinho, em seu barraco-tabca, os Tapirapés, entre outros cabocolinhos que se lançam à conquista do carnaval do Recife, não escondem, como não esconde seu presidente, a obediência a seus guias de terreiro protetores. E como tantos outros, aliando a obrigação para com o santo com a obrigação de brilhar, empregam todos os seus esforços para não deixar de sair no carnaval, manter viva a tradição e a homenagem ao caboclo dono da terra.

Ana Tereza Lemos

